

O ENSINO DA GEOGRAFIA CRÍTICA NA SALA DE AULA: UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO MÉDIO DA ESCOLA “ARRUDA CÂMARA” POMBAL – PB

Claud Kirmayr da Silva Rocha; Mary Delane Gomes de Santana

Instituto Superior de Educação Professora Lúcia Dantas – ISEL- claud_bc@hotmail.com; Universidade Estadual da Paraíba – UEPB – mdgs.uepb@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho, fez uso da pesquisa bibliográfica e do trabalho de campo e teve como objetivo analisar a prática do ensino da geografia crítica na E.E.E.F.M. “Arruda Câmara”, na cidade de Pombal-PB. Os conteúdos de Geografia ministrados nas escolas no ensino fundamental e médio, geralmente consistem na mera reprodução daquilo que foi anteriormente elaborado pela produção universitária que nem sempre se utiliza da crítica para trabalhá-los. Isso ocorre, mas não é – e não precisa ser regra geral. Ao procurar levar em conta a realidade dos alunos e os problemas de sua época e lugar, o professor começa a abrir caminho para conteúdos e discussões que estão pautadas naquilo que podemos chamar Geografia escolar crítica. Partindo desse pressuposto, procurou-se verificar a partir das opiniões de alunos e professores de Geografia do ensino médio como os temas de Geografia estão sendo trabalhados em sala de aula, isto é, até que ponto o professor tem se oposto aos temas da Geografia tradicional ou não. Verificou-se entre os pesquisados que a Geografia crítica não tem feito parte ativa das discussões em sala de aula, porém tanto alunos e professores reconhecem a importância e a necessidade de trabalhar a realidade vigente de forma crítica, contudo os métodos de ensino e os conteúdos dos livros didáticos não tem auxiliado a introdução desse debate. Assim sendo, espera-se que o professor de Geografia possa mudar a sua prática de ensino no sentido de contribuir de forma crítica alterando o campo educacional, tornando-o mais próximo da realidade dos alunos.

Palavras chaves: Ensino, Geografia Crítica, Professor, Aluno.

INTRODUÇÃO

O século XXI assim como o século XX, está sendo definido como crítico, a realidade que envolve vários níveis de problemas principalmente os ligados a crise social, econômica, ecológica e cultural, tem trazido à tona a necessidade de encontrarmos caminhos para sua superação.

Na ambivalência da crise, o importante para a ética é não ceder à histeria, pois é nos momentos de crise que há degenerescência e regeneração da mesma.

Frente as situações expostas acima a educação tem um desafio em suas mãos que é o de unir a teoria à prática, porém ela mesma vem passando por uma crise acentuada nestes últimos anos, crise de conteúdos e discussões críticas acerca da realidade que cerca o homem inserido na sociedade capitalista atual.

No que diz respeito a Geografia e mais precisamente ao professor de Geografia o mesmo precisa em sua prática acompanhar tanto as informações, quanto o acesso aos novos recursos disponíveis para desenvolver um trabalho crítico e não meramente ilustrativo sobre as questões dos espaços físicos e sociais que envolve o estudo dessa ciência.

As perspectivas atuais estão cada vez mais cobrando um ensino da Geografia que saia do padrão do ensino tradicional aplicada nas escolas, que é essencialmente descritivo e voltado à memorização, portanto faz-se necessária a adoção da metodologia e do conteúdo da Geografia crítica, que não propõe apenas descrever paisagens, mas sim compreender as relações entre o homem e a natureza. Natureza essa, que tem sofrido sérios problemas em virtude do capitalismo selvagem que busca acima de tudo mão de obra barata, porém qualificada para enfrentar o mercado de trabalho e suas tecnologias, bem como formação acadêmica.

O ensino tem se tornado uma peça fundamental para o desenvolvimento do raciocínio, a criatividade e o senso crítico, sem os quais torna-se impossível a construção de uma sociedade seja ela qual for baseada no projeto de libertação de um ser ou do todo.

O ensino da Geografia crítica convida o aluno à participação na construção do saber, remetendo-o à reflexão do pensamento crítico, ou seja, o estabelecimento das relações entre o conteúdo trabalhado e a sua aplicação em seu dia-a-dia.

Segundo a LDB (Lei de Diretrizes e Bases) para a educação em seu art. 1º § 2º “ a educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e a prática social”.

Isso nos permite afirmar que a educação é o caminho, é porta aberta para o desenvolvimento da consciência cidadã em qualquer em qualquer indivíduo, que busque o seu desenvolvimento nos diversos segmentos que lhes são propostos ou até mesmo criados, dependendo do seu grau de intelectualidade.

Na visão do professor, na prática o ensino da Geografia tem se tornado comum o discurso, associado ao uso do livro didático como principal recurso, associada ao conceito de palavras chave na intenção de explicar fenômenos: naturais, culturais ou sociais. Muitas das vezes o professor não tem contextualizado o conteúdo com as características local como a geografia orienta, o princípio da analogia.

O professor é um mediador do conhecimento, o mesmo possui um papel determinante na formação do aluno, desde o despertar da curiosidade, autonomia e criticidade que contribuem para o sucesso da educação.

Frente ao exposto acima, não se pode ignorar a importância que a educação tem para o desenvolvimento de um país. Nesse contexto, a história da educação no Brasil vem se desenvolvendo ao longo do tempo, procurando desenvolver um papel significativo na construção da história da educação, favorecendo a leitura da paisagem, a observação, a descrição, a explicação, a interação e a análise da extensão da territorialidade como a representação do espaço.

Os professores de Geografia precisam se lembrar desses fatos para poderem desenvolver seu papel como realmente deveriam, em especial no que diz respeito a metodologia do ensino, ensino este que deve ser crítico, mas que nem sempre ocorre. Essa situação acaba contribuindo para que o aluno deixe de usar o seu lado crítico, visto que a maioria dos professores ainda utiliza conceitos e métodos da Geografia tradicional que caiu em desuso há vários anos.

Para mudar essa realidade, é preciso que os métodos reprodutivos utilizados pelos livros didáticos-pedagógicos, sejam evitados, pois os conteúdos prontos sem a interação do novo conteúdo crítico da geografia, impede a criticidade do aluno sobre as questões estudadas.

A formação acadêmica, por si só, não garante a formação crítica do professor, independentemente da área que ele atua, a criticidade deveria fazer parte do exercício da profissão de qualquer professor para que ele responda bem e com propriedade aos anseios da sociedade.

A complexidade que envolve a temática professor e o ensino da Geografia crítica precisa ser discutida e torna-se relevante, pois na atual conjuntura

educacional é preciso romper com a ideia de neutralidade científica, procurando elaborar uma crítica radical sobre a sociedade capitalista, estudando o espaço cultural e as formas de apropriação da natureza sem ignorar o conhecimento acerca dos aspectos da natureza (relevo, clima, vegetação etc.), muito explorados na Geografia tradicional.

A Geocrítica valoriza o conhecimento sobre a natureza, no entanto, analisa-o juntamente com os aspectos sociais, no contexto escolar ela vê o aluno como um ser social detentor da capacidade de construção ou reconstrução do conhecimento por meio da cidadania. O principal objetivo dessa vertente é o ensino voltado para a cidadania, formando alunos pensantes e críticos, atentos às coisas que acontecem no mundo.

Daí a relevância dessa pesquisa, pois a partir da Geocrítica, o aluno assim também como o professor passa a refletir e debater as questões que envolvem os problemas sociais e ambientais que ocorrem no espaço geográfico regional, nacional e internacional, procurando conhecê-los.

METODOLOGIA

O trabalho ora aqui apresentado procurou verificar até que ponto os professores pesquisados fazem uso da Geografia crítica em suas aulas. Para compreendermos melhor essa problemática, este estudo baseou-se na leitura da bibliografia sobre o tema abordado aliada a uma pesquisa aplicada em salas de aulas do Ensino Médio na E.E.E.F.M. “Arruda Câmara” localizada na cidade de Pombal-PB. A pesquisa pautou-se na observação e na aplicação de entrevistas com professores e alunos do curso sobre o ensino da geografia, procurando verificar o cruzamento de informações das respostas dadas pelos dois grupos pesquisados.

A pesquisa se configura como bibliográfica, pois fizemos o levantamento da bibliografia já publicada, em livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita sobre ensino e tecnologia que propiciou o nosso posicionamento neste trabalho. Conforme Gil (2007, p. 65) a pesquisa bibliográfica “é desenvolvida a partir de material já elaborado”, as chamadas fontes de papel, como por exemplo, os livros, artigos científicos, publicações periódicas. Outrossim, quanto aos objetivos, definimos como uma pesquisa do tipo descritiva.

O autor supracitado (p. 44) afirma também que a pesquisa descritiva “tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis”.

Como técnica de pesquisa, fez-se uso da entrevista para a coleta dos dados, e foi realizada com os professores de geografia e os alunos do ensino médio do primeiro ao terceiro ano da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Arruda Câmara” Pombal-PB. O roteiro de entrevista foi composto por dez (10) questões subjetivas. Foram aplicados a 40 alunos dos três anos do ensino médio e a 5 professores de geografia.

RESULTADO E DISCUSSÃO

O profissional de Geografia deve procurar realizar o senso crítico e não trabalhar com o educando a mera memorização de mapas e localização de cidades. Ele tem que ir além e trabalhar para a compreensão e transformação do real, na aquisição do conhecimento da política que rege a nação e as suas influências no espaço.

A Geografia crítica não está fundamentada em métodos ou conceitos sequenciais, uma vez que, se analisarmos desta forma estaremos destruindo a capacidade criadora que habita em nós, seres humanos. Se não aguçarmos essa capacidade, seremos simples reprodutores de conhecimentos adquiridos e, não transformadores da problemática que circunda o nosso meio. Para isso faz-se necessário a busca pelo conhecimento, a pesquisa e o levantamento de hipóteses necessárias para solucionar casos específicos. Oliveira (2005, p. 37) afirma que:

Em outros termos, o conhecimento a ser lançados no ensino, na perspectiva de uma geografia crítica, não se localiza no professor ou na ciência a ser ensinada ou vulgarizada, e sim no real, no meio onde o aluno e o professor estão situados e é fruto das práxis coletivas dos grupos sociais. Integrar o educando no meio significa deixá-lo descobrir que pode torna-se sujeito na história.

Faz-se necessário pontuar que o senso crítico não se desenvolve no educando apenas por intermédio do professor. É necessário que o aluno busque proceder nas discussões em seus trabalhos, sobressair-se gradualmente através de seus méritos, tornando-se cidadão consciente, ativo e dotado de opinião própria.

Para que isso ocorra é necessário que o professor envolva não só os alunos, mas também os conteúdos da realidade. Não basta levar aos alunos teorias, é preciso que juntos, professor e alunos construam conceitos e saberes. Oliveira (2005, p. 140) afirma: “Nesse processo, o professor deixa de ser um mero transmissor de conhecimento e o aluno mero receptáculo do saber”.

É fundamental que o professor participe do debate teórico-metodológico que vem sendo travado nas universidades. É através de sua inserção nesse debate

que fará a sua opção consciente acerca do caminho crítico que a geografia e a escola devem ter.

Cabe aos professores desenvolverem com a experiência adquirida em sala de aula e com a teoria, novos e criativos métodos para trabalharem os conteúdos da geografia de forma crítica, tentando minimizar aos poucos a invasão do pensamento neoliberal que impôs a eficiência e a competência – qualidades intrínsecas à burocracia – como objetivo último. Ao conseguir fazer isso os professores conseguirão fazer com que essa ciência ganhe uma expressão ideológica, ao mesmo tempo que eles passam a repensar o seu papel (responsabilidade), na compreensão da sociedade atual.

De acordo com as respostas dos alunos e dos professores o processo de ensino e da aprendizagem da Geografia ainda é ministrado de forma tradicional na maioria das vezes. Como demonstra relato de alunos e professores abaixo:

“Na sala de aula o professor usa muito o livro ou pede pra a gente fazer pesquisa na internet, trabalho de campo ou uma discussão de temas atuais ocorre pouquíssimas vezes, discutimos muito pouco o que está fora dos livros.” (Aluno A)

“Até que tento usar mais da geografia crítica, mas o conteúdo dos livros didáticos tem que ser ministrados, senão, vão pensar que não estamos usando o livro, mas sei que as temáticas da Geopolítica e a Geografia crítica tem que ser inserida sempre que possível.” (Professor 1)

Como podemos perceber segundo os relatos acima, as questões da Geografia não são consideradas problemáticas no nível crítico, o ensino tradicional da Geografia ainda persiste embora a inserção da Geocrítica tem procurado abrir caminhos para que a participação de professores e alunos seja mais ativa no que tange aos problemas do espaço cultural e sua inter-relação com o espaço físico, modificado constantemente pela ação da natureza bem como a ação do homem.

Na opinião dos professores, para que isso ocorra é preciso repensar a formação dos professores, para que a sua metodologia de ensino sofra mudanças significativas e mesmo que os livros adotados ainda trabalhem com um conteúdo reprodutivista, é preciso que o professor com sua nova postura dê um encaminhamento crítico aos conteúdos, oferecendo aos alunos uma leitura do real -- isto é, do espaço geográfico -- que não omita suas tensões e contradições, só assim será possível ajuda-los a entender e a esclarecer a espacialidade das relações de poder e de dominação.

“Vou confessar, muitos professores precisam passar por um processo de capacitação constante, trazer a realidade para a sala de aula não é uma tarefa fácil exige muito do professor, pesquisar treinar seu olhar crítico e nem sempre temos condições e ou estamos acostumados a fazermos isso.” (Professor 2)

“Não vou mentir, trabalho em mais de uma escola, minha carga horária é grande e nem sempre tenho tempo e nem paciência de sair dos livros didáticos, eles existem para isso, auxiliar meu trabalho, além, disso nem todo aluno acha importante a disciplina de Geografia, para eles o mais importante é Matemática e Português.” (Professor 4)

A Geografia a partir desse princípio se torna uma ciência não mais "neutra" e sim comprometida com a justiça social, com a correção das desigualdades socioeconômicas e das disparidades regionais.

Trabalho difícil de ser feito, uma vez que o professor precisa da participação dos seus alunos, uma vez que, nesse processo ele será apenas o mediador do conhecimento, cabendo também ao aluno, se engajar no processo da preocupação com os problemas sociais (e até mesmo os ambientais na medida em que, em grande parte, eles são sociais).

“Nem sempre tenho vontade de discutir em sala de aula, Geografia serve para o que mesmo? Para saber os mapas, a localização, paisagem, essas coisas que tem na natureza. Para mim ela serve só para isso, eu acho que é só isso que ela faz”. (Aluno B)

“O aluno precisa ser mais participativo, eu mesmo tento trazer aspecto que saem do determinismo da Geografia tradicional, tento trabalhar a realidade com os meus alunos, mas eles em sua maioria são apáticos, talvez a falta de estrutura da escola a falta de possibilidade de executarmos viagens de campo para trabalhar a questão geográfica mais em *loco*, prejudique o nosso trabalho como professor.” (Professor 2)

Alunos e professores reconhecem que é um trabalho nada fácil de se fazer, quando se tem que cumprir com metas educacionais, com cronogramas fixos de estudo e com conteúdos avaliativos que contemplam os temas dos livros didáticos e não a sua discussão crítica. Por outro lado, a ânsia de se conseguir apenas a nota nas avaliações, tornar as discussões críticas demoradas e as vezes muito distante dos conteúdos dos livros adotados, a falta de relação entre teoria e prática, muitas vezes desestimula alunos e professores a continuar o debate crítico.

“Hoje em dia a internet ajuda muito sempre que posso discuto as questões que são noticiadas nas TVs e nas redes sociais com relação as questões sociais, mas os alunos hoje em dia nem sempre estão interessados nas questões que envolvem o outro, comprar um novo celular, qual o país que fabrica e vende mais barato o que eles desejam é o que interessa a maioria, mas não as consequências desse consumo é o que se encontra por detrás desse processo de produção.” (Professor 3)

Caminho difícil de se seguir, mas não impossível, a Geografia crítica escolar, isto é, aquela que deveria ser praticada no ensino fundamental e médio -- possui uma dinâmica própria e relativamente independente da sua vertente acadêmica, o professor da escola de ensino fundamental e médio muitas vezes é apenas um reproduzidor do saber construído em outro lugar, o "lugar competente", e a sua tarefa consistisse essencialmente em adaptar esse saber à faixa etária do aluno. Seu labor acaba sendo "didático" num sentido tradicional: como ensinar da melhor maneira um determinado conteúdo já pronto e que o educando deve meramente assimilar.

Portanto, o professor crítico e/ou construtivista não pode esquecer que ele "aprende ensinando" e que "não ensina, mas ajuda os alunos a aprender" -- não apenas *reproduz*, mas também *produz* saber na atividade educativa.

CONCLUSÃO

Através da pesquisa foi possível perceber a importância de uma reflexão sobre a prática do ensino da Geografia na escola. A escola é o local onde o professor e os alunos desenvolvem o processo de ensino e aprendizagem em parceria com a comunidade escolar tomando por base uma relação democrática, voltada para o mesmo objetivo, formar cidadão críticos participativos preparados para enfrentar os desafios da sociedade atual, bem como o mercado de trabalho.

Por isso é preciso perceber que o aluno é muito mais do que um receptáculo vazio que irá assimilar ou aprender um conteúdo externo à sua realidade existencial, psicogenética e socioeconômica. O aluno é um ser humano com uma história de vida a ser levada em conta no processo de aprendizagem, que reelabora, assimila à sua maneira --inclusive reconstruindo ou até criando --, o saber apropriado para tal ou qual disciplina.

É importante esclarecer que um ensino crítico da Geografia, não pode ser baseado apenas na renovação do conteúdo - com a incorporação de novos temas/problemas, normalmente ligados às lutas sociais: relações de gênero, ênfase na participação do cidadão/morador entre outros. Porém, na adoção de novos procedimentos didáticos que levem em consideração estudos do meio (isto é, trabalhos fora da sala de aula), dinâmicas de grupo e trabalhos dirigidos, debates, uso de computadores (e redes) e outros recursos tecnológicos, preocupações com atividades interdisciplinares e com temas transversais, etc.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, C. F.. **LDB – passo a passo**. 2. ed. São Paulo: ED. Avercamp, 2005.
- BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. **Parâmetros Curriculares Nacionais: história e geografia**. 3. ed. Brasília: A Secretaria, 2001.
- DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir**. 8. ed. São Paulo: Ed. Cortez; Brasília, DF: MEC. UNESCO, 2003.
- FERREIRA, A. B. H. **Minidicionário Aurélio**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2007.
- KANT, I.. **Textos selecionados**. 2. ed. Tradução de Tania Maria Bernkopf, Paulo Quintela, Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- MORAES, A. C. R.. **A gênese da Geografia moderna**. São Paulo: Annablume, 2002.
- _____, **Geografia: pequena história crítica**. São Paulo: Annablume, 2003.
- OLIVEIRA, de U. A. (Org.). **Para onde vai o ensino de Geografia?** 9. ed. São Paulo: Contexto, 2005.
- VESENTINE, J. W. **O ensino de Geografia no século XXI**. Campinas, SP: Papirus, 2004.